

As Estrangeiras: Registros Sobre Deusas e Mulheres Subversivas em Excertos Bíblicos

The Foreigners: Registers of Goddess and Subversive Women in Biblical Excerpts

Janaina de Fátima Zdebskyi¹

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com bolsa CAPES e pesquisa sobre magia e religião entre os sumérios com orientação da Profa. Dra. Aline Dias da Silveira; Mestre em História pela UFSC com bolsa CNPq; licenciada e bacharel em História pela UFSC e psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí com bolsa ProUni. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – MERIDIANUM – da UFSC. E-mail: janazdebskyi@gmail.com.

Recebido em 30 de julho de 2020; Aceito em 22 de janeiro de 2021.

DOI: 10.12957/nearco.2020.54828

Resumo

Em excertos da Torá e do Antigo Testamento da Bíblia de Jerusalém, fontes adotadas para a presente pesquisa, podemos perceber uma série de argumentos que colocam mulheres, principalmente estrangeiras, como culpadas pelos castigos enviados pelo deus Yahweh, ao responsabilizá-las por cultuarem deusas e deuses estrangeiros. Este artigo tem por objetivo identificar essas narrativas e compreender sua função social.

Palavras-chave: Mulheres; Israel; História Antiga.

Abstract

In excerpts from the Torah and Old Testament books of Jerusalem Bible, the adopted research source for the present paper, we can perceive a series of argument which places women, mostly foreigners, as guilty of the punishments sent by God Yahweh by holding them accountable of foreigners gods and goddess worship. This paper intends to identify this narratives and to comprehend its social function.

Keywords: Women; Israel; Ancient History.

Introdução

Entre as narrativas e leis expressas no conteúdo da Torá e no Antigo Testamento, livros sagrados da cultura judaico-cristã, é possível perceber argumentos que se

esforçam em justificar e perpetuar uma ordem social patriarcal e colocar a inferioridade das mulheres como algo necessário para manter os padrões hierárquicos, inclusive ainda hoje vigentes, nas relações sociais desse contexto. A figura das mulheres no Israel bíblico aparece explicitamente ligada com a noção de pecado, visto que “a concepção do pecado religioso acompanha em filigrana a reconstituição do destino trágico dos “filhos de Israel”” (GRAETZ, 1969 apud SAND, 2011, p. 142), porém, essa culpa sobre os castigos sofridos pelos israelitas, de acordo com a narrativa da Bíblia hebraica, recaía ainda mais sobre as mulheres e suas práticas cotidianas⁹².

Nesse contexto, a organização patriarcal não se dava apenas nas relações entre homens e mulheres, mas também na esfera sagrada e nas concepções religiosas, visto que a construção do deus judaico cristão Yahweh, como deus único, passou pelo processo de combater e marginalizar todas as representações do feminino no sagrado. Segundo Schottroff, na Idade do Bronze Médio, primeira metade do segundo milênio a.E.C, havia uma forte adoração a deusas na Palestina; já na segunda metade do segundo milênio, na Idade do Bronze Tardio, divindades masculinas se impõem nesses contextos, tendência que continua na época israelita (ROESE, 2010) até que deusas, como Ašerá, cultuada entre os cananeus, passam a ser tidas como proibidas (CORDEIRO, 2013) e as práticas de culto dedicadas a elas foram condenadas e consideradas abomináveis.

Essas práticas proibidas e abomináveis foram atribuídas, nos textos sagrados judaico-cristãos, principalmente às mulheres, com foco nas ditas estrangeiras, acusadas de estimular os patriarcas a se desviar da adoração de Yahweh, assim como já teria Eva

⁹² Essa concepção já se inicia na narrativa mítica de gênesis, capítulo 3, quando Eva come do fruto da árvore proibida depois de dar ouvidos à serpente: “E viu a mulher que boa era a árvore para comer e desejável era para os olhos e cobiçável a árvore para entender (o bem e o mal), e tomou do seu fruto e comeu; e deu também a seu marido, (que estava) com ela, e ele comeu” (TORÁ, 2001, p. 7), depois disso a culpa recaí sobre Eva: “E disse o homem: A mulher que deste comigo (para mim), ela deu-me da árvore e comi. E disse o Eterno Deus à mulher: “Que é isto que fizeste?” (TORÁ, 2001, p. 8), assim, a mulher é castigada por sua atitude, condenada a sofrer com a dor do parto e a ser submissa ao marido: “À mulher disse: “Multiplicarei o teu sofrer e tua concepção, com dor darás à luz filhos; e para teu marido será o teu desejo e ele dominará em ti” (TORÁ: A LEI DE MOISÉS, 2001, p. 8).

feito com Adão. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa será analisar excertos desses textos, buscando menções a essas mulheres subversivas e as deusas estrangeiras para as quais elas praticavam cultos, erguiam altares e faziam oferendas. Antes de mais nada, se faz necessário pontuar algumas questões teórico metodológicas a seguir.

Conforme já mencionado, o recorte de fontes dessa pesquisa são trechos de narrativas presentes em livros da Torá, na versão Torá: A lei de Moisés (2001), bem como de livros do Antigo Testamento presentes na versão da Bíblia de Jerusalém (2002). O objetivo é, para além de identificar e apontar a forma pejorativa como aparecem mulheres e deusas estrangeiras, também compreender - a partir de uma análise social, política e religiosa – a lógica dessa necessidade em se colocar as mulheres em lugar de inferioridade nas relações de poder, bem como marginalizar as deusas e figuras femininas no âmbito do sagrado para a organização social dos hebreus e para a construção de sua identidade enquanto povo. Pois, para além do fator de que a descendência era atribuída ao pai, devido à patrilinearidade, também constatamos a característica de que o homem ocupava uma escala hierarquicamente superior nas relações de poder, justamente visando obter controle sobre as mulheres para utilizá-las como instrumento político e reprodutivo, no sentido de gerar filhos.

Ressalto que, a relevância do presente artigo também está na abordagem que adoto de que a história com pretensões totalizadoras levou à marginalidade elementos da vida cotidiana, entre eles as crenças religiosas e formas de culto, a sexualidade, os subterfúgios utilizados por mulheres para decidir seus destinos e driblar o poder do patriarca, etc. Sendo que essas questões são essenciais no que tange a compreensão da construção das subjetividades humanas nas múltiplas articulações do passado (SANFELICE, 2010). Busco construir um diálogo com Carlo Ginzburg (1991) em “História Noturna”, onde se propunha “investigar comportamentos e atitudes de grupos subalternos ou pelo menos não privilegiados, como os camponeses e as mulheres” (p. 10), tendo como foco não somente as histórias desses subalternizados, mas suas

histórias a partir de seus pontos de vista, atentando-se às “atividades e aos comportamentos dos perseguidos” (p.11), daquelas e daqueles que se situam nas margens da comunidade. Sob esse viés, a história de mulheres subversivas e “estrangeiras” não deixa de ser também uma história noturna, de mulheres perseguidas e marginalizadas até mesmo em registros documentais da antiguidade.

Nesse sentido, trago a pesquisa histórica como forma de trazer à tona recortes do passado daqueles e daquelas – inclusive grupos sociais – que morreram desconhecidos. Esse processo envolve também a reparação do sofrimento e da desolação das gerações vencidas e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar (BENJAMIN, 1940 *apud* LOWY, 2005, p. 51). Concordo profundamente com Walter Benjamin quando ele afirma que se faz necessária uma rememoração do passado sem “distinção entre acontecimentos ou indivíduos “grandes” e “pequenos”, pois enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos não poderá haver libertação” (BENJAMIN, 1940 *apud* LOWY, 2005, p. 54), ou seja, “não pode existir luta pelo futuro sem a memória do passado” (BENJAMIN, 1940 *apud* LOWY, 2005, p. 109).

Para isso, se faz necessário “escovar a história a contrapelo”, o que, conforme Michael Löwy nos diálogos que estabelece com as teses de Walter Benjamin, seria adotar uma postura de recusa em juntar-se ao cortejo triunfal que continua – ainda hoje – “a marchar sobre aquelas(es) que jazem por terra” (BENJAMIN, 1940 *apud* LÖWY, 2005, p. 73). Em síntese, de acordo com o autor, escovar a história a contrapelo significa romper com as classes dominantes e com o “curso natural das coisas”, romper com essa ideia de um progresso inevitável. Escovar as fontes aqui selecionadas numa perspectiva a contrapelo também exige a construção de um paradigma outro da história dos hebreus, conforme o método utilizado por Walter Mignolo (2003), só ao fazer esse ato de rompimento com as narrativas que buscam falar sobre os hebreus sem abordar os outros povos da região é que se torna possível o alcance da redenção – daquelas(es) que

ficaram soterradas(os) por perspectivas históricas que só visibilizam esses “dominantes” - e da revolução, bem como o rompimento dos ciclos de novas opressões (BENJAMIN, 1940 *apud* LOWY, 2005).

No que tange a perspectiva que adoto para analisar esses excertos, acredito na importância de se buscar as histórias ou pelo menos menções, ou mesmo alegorias, de mulheres subversivas na antiguidade, as quais aparecem como prostitutas, estrangeiras e donas de si. Essa prática é também, uma forma de gerar instrumentos para a construção de uma identidade de resistência e luta para a vivência das mulheres de hoje. Sendo assim, as vozes dessas mulheres subversivas e suas deusas emergirão das areias desérticas e se farão presentes nesse artigo.

Entrelaçamentos transculturais dos hebreus com outros povos do antigo crescente fértil e suas divindades

Para compreender como as mulheres estrangeiras e cultos a divindades estrangeiras estiveram presentes entre os hebreus, deve-se considerar que eles foram parte do contexto da região do Crescente Fértil. Os hebreus interagiam intensamente com os cananeus e fenícios e adotaram algumas de suas práticas religiosas, ao menos pode-se afirmar que registros dessas interações aparecem nas fontes aqui adotadas. Ou seja, se casavam com as mulheres cananeias, ofereciam sacrifícios às deidades locais e celebravam a sua plantação com festivais de colheita compartilhados com outros povos da região, sendo assim, o sincretismo era evidentemente grande (MONTALVÃO, 2009).

Podemos entender esse fenômeno de interações, trocas e conexões como os entrelaçamentos transculturais, que consiste de uma perspectiva de análise que evita o etnocentrismo, onde,

As especificidades de uma cultura são entendidas como uma combinação de elementos partilhados com outras. Logo, a especificidade de uma cultura é produzida por diferentes constelações dos mesmos elementos. (RÜSEN, 2009, p. 184).

Essas constelações seriam justamente linhas “trans” culturais, ou seja, que atravessam diferentes culturas atribuídas aos povos da região, sendo um fio condutor para compreender a interação desses grupos de pessoas. Esse conceito é uma alternativa discutida por Matthias Tischler (2014) à ideia de hibridização ou de mestiçagem, buscando evitar um conceito com carga biologicista e outro com conotação colonial.

É importante compreender que essa ideia de entrelaçamentos transculturais proposta por Tischler (2014) não nega as relações de poder e resistências existentes nesses entrelaçamentos. Assim, a ideia de entrelaçamentos transculturais visa reconhecer as culturas sempre em movimento e atravessando os povos, sem que seja possível identificar exatamente quais aspectos ou elementos pertencem a quem originalmente, mas apenas como esses fenômenos aparecem em determinado contexto. Deste modo, meu objetivo é desconstruir a ideia de “centro e periferia”, mas sem negar a existência de relações de poder e o fato de que as “trocas” não são de igual para igual.

Nesse caso, as formas de vida da cultura dos hebreus não terminam mais nas “fronteiras das culturas nacionais” – ou divisões territoriais -, “mas as ultrapassam, encontram-se sob a mesma forma em outras culturas” (WELSCH, 2007, p. 252), de maneira que as formas de organização social e as práticas culturais desses povos do Crescente Fértil não podem ser vistas enquanto “esferas, ilhas ou mônadas”, precisam ser percebidas em seu aspecto “transcultural” (WELSCH, 2007, p. 252).

É justamente sob esse viés que busco perceber esses espaços e povos do Antigo Crescente Fértil e sua cultura, como “internamente pluralizadas” – mesmo que antes tidas como homogêneas - e “externamente interconectadas em alto grau” (WELSCH, 2007, p. 252). Da mesma forma que os hebreus, por exemplo, estabeleciam diversos entrelaçamentos com povos que chamavam de estrangeiros – sendo externamente

interconectados -, eles eram plurais internamente, a cultura que consideravam como “sua” era diversificada e repleta desses elementos que atribuíam ao “outro”.

Tendo isso em vista, considero que a ideia de entrelaçamentos culturais não nega resistências de assimilações de elementos culturais tidos como pertencentes “ao outro”, esses entrelaçamentos não são trocas de igual para igual, além disso, também envolvem relações de poder e disputa, negações e resistências à assimilação de tradições estrangeiras, como pontua Mattias Tischler (2014, p. 3). É justamente a partir dessa questão que pretendo seguir essa discussão, ou seja, de como essas leis vigentes entre os hebreus visavam construir uma identidade para eles enquanto povo, por meio da interdição de elementos estrangeiros – que muitas vezes eram apropriados e assimilados – e da construção de um discurso sobre si que se pautava principalmente no culto ao deus Yahweh, adotado como o elemento que os unia enquanto povo diante de um “único deus”.

A ideia não é desconstruir a existência de “povos” que habitaram o Crescente Fértil, mas entender que eles não estavam isolados uns dos outros, que havia circulação e movimento e que eles compartilhavam e resignificavam práticas e percepções de mundo uns com os outros. O discurso das leis hebraicas, interditando enfaticamente práticas estrangeiras entre os hebreus, nos mostra que essas práticas aconteciam no cotidiano, do contrário não haveria necessidade de uma série de narrativas para interditá-las.

Considerando essas evidências dos entrelaçamentos transculturais, torna-se mais clara a compreensão dos discursos da Torá e do Antigo Testamento na tentativa de proibir cultos para divindades chamadas de estrangeiras, bem como alguns casamentos e outras formas de interlocução com povos não hebreus, além da incitação de conflitos no sentido de exterminar esses grupos que se mostravam como divergentes em suas práticas religiosas e culturais. Essa postura é considerada por muitos autores como uma tentativa de construir “uma identidade nacional” para os hebreus, onde “a unidade do

Deus nacional garante a unidade política do país” (CAZELLES, 1986, p. 154), ou seja, o culto à Yahweh como deus único está ligado a ideia de formar “um povo e uma terra” (CHOURAQUI, 1990, p. 26).

Na tentativa de combater essas práticas presentes no cotidiano e nos costumes hebreus é que são recorrentes as narrativas da Torá e do Antigo Testamento que visam construir e fortalecer uma identidade para os hebreus enquanto povo. Essa unidade é basicamente pautada no culto à Yahweh como deus único e ciumento, sendo que os cultos a quaisquer outras divindades são condenados e proibidos, pois são práticas capazes de abalar justamente o elemento que identifica os hebreus enquanto povo e os diferencia dos demais grupos com os quais conviviam na região da cananeia na Antiguidade. Sob esse viés, penso que os hebreus apresentam em suas narrativas míticas uma tentativa de construção de monoteísmo em torno do deus Yahweh, um monoteísmo que não parece ser efetivado com sucesso, já que são recorrentes as proibições de cultos a deusas e deuses considerados estrangeiros, assim como são recorrentes os relatos sobre essas práticas continuarem acontecendo como “traição” ao deus Yahweh.

É preciso pensar que essa identidade de povo hebreu não é homogênea, ou seja, a “história oficial” construída nos discursos fundadores ou mitos de origem “não condiz com as experiências da maioria da população” (SOUZA, 2002, p. 63), como é o caso de algumas mulheres entre os hebreus, as quais insistiam em cultuar outras deusas, práticas que desafiavam as leis vigentes entre os hebreus, bem como o sentido de unidade popular pautado em Yahweh, conforme veremos nas fontes a seguir.

As entre linhas dos excertos bíblicos: narrativas que denunciam mulheres e suas práticas subversivas de culto

Conforme pontuei desde o início desse artigo, é possível identificar uma recorrência de excertos na Torá e no Antigo Testamento da Bíblia nos quais as práticas

dos “estrangeiros” aos hebreus são descritas de forma desqualificada e ainda, narrativas que nos apresentam um projeto de combater essas tais práticas, visto que aqueles e aquelas que não se submetem às leis destinadas ao povo de Israel são tidos como os abomináveis aos olhos de Yahweh:

Quando tu fores à terra que o Eterno, teu Deus, te dá, não aprenderás a fazer segundo as abominações daquelas nações. Não se achará entre ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem agoureiro, nem prognosticador, nem adivinho, nem feiticeiro, nem encantador de animais, nem necromante ou *Yideonita*, nem quem consulte os mortos, porque abominável é ao Eterno todo aquele que faz estas coisas, e por causa destas abominações, o Eterno, teu Deus, os desterra de diante de ti (TORÁ: A LEI DE MOISÉS, 2001, p. 558-559, Deuteronomio, 18: 9-12).

Nessa narrativa afirma-se que a terra na qual esse povo de Israel viria a habitar já haviam “nações” que praticavam diversas formas de cultos, adivinhações e outras práticas relacionadas a magia, como a feitiçaria, a necromancia e o encantamento de animais, sendo essas atividades consideradas abominações que resultariam no desterramento de seus praticantes. Nesse sentido, a narrativa judaico-cristã explicita e reconhece esse contato dos hebreus com outros povos e suas expressões religiosas.

Ao afunilar ainda mais o foco para fontes que atendem ao recorte dessa pesquisa, podemos encontrar registros de mulheres que praticam devoção a divindades consideradas estrangeiras. Em um primeiro caso, a passagem de 1Reis, 18 que nos traz a presença de Jezabel, esposa do rei Acab de Judá, em Samaria, uma devota dos baais e de Ašerá, bem como são denominados respectivamente um deus e uma deusa do panteão cananeu. Jezabel era filha de Etbaal, rei dos sidônios (Fenícios) e que teria influenciado Acab a servir e adorar Baal e a construir altares e postes sagrados (BÍBLIA, 1Reis, 16.29-33), sendo esses símbolos da deusa Ašerá. Jezabel teria massacrado os profetas de Yahweh (BÍBLIA, 1Reis, 18.4) e comeria à mesa com quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e quatrocentos profetas de Ašerá (BÍBLIA, 1Reis, 18.19). Na narrativa do livro de 1Reis, que fala sobre Jezabel, temos a descrição de uma disputa

entre os devotos de Baal e os devotos de Yahweh, ou entre os próprios deuses, da qual Yahweh teria saído vitorioso:

Acab convocou todos os filhos de Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo. Elias, aproximando-se de todo o povo, disse: "Até quando claudicareis das duas pernas? Se lahweh é Deus, segui-o; se é Baal segui-o." E o povo não lhe pôde dar resposta. Então Elias disse ao povo: "Sou o único dos profetas de lahweh que fiquei, enquanto os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. Dêem-nos dois novilhos; que eles escolham um para si e depois de esquartejá-lo o coloquem sobre a lenha, sem lhe pôr fogo. Prepararei o outro novilho sem lhe pôr fogo. Invocareis depois o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome de lahweh: o deus que responder enviando fogo, é ele o Deus." Todo o povo respondeu: "Está bem." Elias disse então aos profetas de Baal: "Escolhei para vós um novilho e preparai vós primeiro, pois sois mais numerosos. Invocai o nome de vosso deus, mas não acendais o fogo." Eles tomaram o novilho e o fizeram em pedaços e invocaram o nome de Baal desde a manhã até o meio-dia, dizendo: "Baal, responde-nos!" Mas não houve voz, ninguém respondeu; e eles dançavam dobrando o joelho diante do altar que tinham feito. Ao meio-dia, Elias zombou deles, dizendo: "Gritai mais alto; pois, sendo um deus, ele pode estar conversando ou fazendo negócios ou, então, viajando; talvez esteja dormindo e acordará!" Gritaram mais forte e, segundo seu costume, fizeram incisões no próprio corpo, com espadas e lanças, até escorrer sangue. Quando passou do meio-dia, entraram em transe até a hora da apresentação da oferenda, mas não houve voz, nem resposta, nem sinal de atenção. Então Elias disse a todo o povo: "Aproximai-vos de mim"; e todo o povo se aproximou dele. Ele restaurou o altar de lahweh que fora demolido. Tomou doze pedras, segundo o número das doze tribos dos filhos de Jacó, a quem Deus se dirigira, dizendo: "Teu nome será Israel", e edificou com as pedras um altar ao nome de lahweh. Fez em redor do altar um rego capaz de conter duas medidas de semente. Empilhou a lenha, esquartejou o novilho e colocou-o sobre a lenha. Depois disse: "Enchei quatro talhas de água e entornai-a sobre o holocausto e sobre a lenha"; assim o fizeram. E ele disse: "Fazei-o de novo", e eles o fizeram. E acrescentou: "Fazei-o pela terceira vez", e eles o fizeram. A água se espalhou em torno do altar e inclusive o rego ficou cheio d'água." Na hora em que se apresenta a oferenda, Elias, o profeta, aproximou-se e disse: "lahweh, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, saiba-se hoje que tu és Deus em Israel, que sou teu servo e que foi por ordem tua que fiz todas estas coisas. Responde-me, lahweh, responde-me, para que este povo reconheça que és tu, lahweh, o Deus, e que convertes os corações deles!" Então caiu o fogo de lahweh e consumiu o holocausto e a lenha, secando a água que estava no rego. Todo o povo o presenciou; prostrou-se com o rosto em terra, exclamando: "É lahweh que é Deus! É lahweh que é Deus!" Elias lhes disse: "Prendei os profetas de Baal; que nenhum deles escape!" e eles os prenderam. Elias fê-los descer para perto da torrente do Quison e lá os degolou (BÍBLIA, 1Reis, 18.20-37).

Ao saber da notícia por Acab, Jezabel teria mandado um mensageiro até Elias, dizendo: "Que os deuses me façam este mal e crescentem este outro, se amanhã a esta

hora eu não tiver feito de tua vida o que fizeste da vida deles!" (BÍBLIA, 1Reis, 19:2). Jezabel aparece como uma mulher que tem atitude autônoma, que escolhe cultuar os deuses de seu povo (fenícios) e enfrenta em batalha os profetas de Yahweh que querem impor o culto desse deus ao rei, seu marido. Além disso, Jezabel é descrita como uma mulher de forte influência e poder político que até mesmo dava ordens à Acab, o qual aparece como submisso e passivo diante das decisões de sua esposa:

Sua mulher Jezabel aproximou-se dele e disse-lhe: "Por que estás aborrecido e não queres comer?" Respondeu ele: "Porque conversei com Nabot de Jezrael e lhe propus: 'Cede-me tua vinha pelo seu preço em dinheiro, ou, se preferires, dar-te-ei outra vinha em troca.' Mas ele respondeu: 'Não te cederei minha vinha.'" Então sua mulher Jezabel lhe disse: "És tu que agora governas Israel? Levanta-te e come e que teu coração se alegre, pois eu te darei a vinha de Nabot de Jezrael." Ela escreveu então umas cartas em nome de Acab, selou-as com o selo real, e enviou-as aos anciãos e aos notáveis, concidadãos de Nabot. Nessas cartas escrevera o seguinte: "Proclamai um jejum e fazei Nabot sentar-se entre os primeiros do povo." Fazei comparecer diante dele dois homens inescrupulosos que o acusem assim: 'Tu amaldiçoaste a Deus e ao rei!' Levai-o para fora, apedrejai-o para que morra!" (...) Quando Jezabel ouviu que Nabot tinha sido apedrejado e que estava morto, disse a Acab: "Levanta-te e vai tomar posse da vinha de Nabot de Jezrael, que ele não quis te ceder por seu preço em dinheiro; pois Nabot já não vive: está morto." Quando Acab soube que Nabot estava morto, levantou-se para descer à vinha de Nabot de Jezrael e dela tomar posse (BÍBLIA, 1Reis, 21: 4-16).

Jezabel aparece como essa mulher subversiva que desafia a forma de organização patriarcal que está imposta, sendo capaz de abalar com grande força a soberania de Yahweh: Também contra Jezabel Yahweh pronunciou uma sentença: 'Os cães devorarão Jezabel no campo de Jezrael.' (BÍBLIA, 1Reis, 21: 23). Jezabel decide os rumos de sua história na narrativa, não se submete às vontades dos profetas de Yahweh e, com suas estratégias, faz com que o próprio Acab atenda suas vontades. Mas qual seria o perigo que Jezabel representa, para que seja sentenciada "pelo próprio Yahweh"?

Penso que o perigo não era somente para a soberania de Yahweh, pois Jezabel ameaçava o próprio povo de Israel, considerando as narrativas supracitadas em 1Reis,

18: 20 onde Elias nomeia as doze tribos de Jacó dizendo: "Teu nome será Israel", e "edificou com as pedras um altar ao nome de lahweh", e em seguida cita o primeiro homem a ser chamado de Hebreu: Abraão e também seus descendentes: "lahweh, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, saiba-se hoje que tu és Deus em Israel" (BÍBLIA, 1Reis, 18: 20-37). Ao explicitar essa conexão ou identificação entre o povo de Israel e seus patriarcas com Yahweh, é possível perceber que Jezabel ameaça diretamente os próprios patriarcas, a soberania do patriarcado, ao inverter as relações de poder com seu marido. A maior subversão de Jezabel não seria cultuar outros deuses para além de Yahweh, mas sim instaurar outras formas de organização social, apropriando-se do poder político do rei e influenciando-o a abandonar o deus de seu povo para seguir os cultos estrangeiros:

De fato, não houve ninguém que, como Acab, se tenha vendido para fazer o que desagrada a lahweh, porque a isso o incitava sua mulher Jezabel. Agiu de um modo extremamente abominável, cultuando os ídolos, como fizeram os amorreus que lahweh expulsara de diante dos filhos de Israel (BÍBLIA, 1Reis, 21: 25-26).

Outra mulher que, na narrativa do Antigo Testamento, parece não ter se submetido às imposições dos patriarcas em se cultuar o deus Yahweh, foi Maaca. Inclusive, seu filho também é mencionado como infiel à Yahweh:

Abiam Reinado de Abiam em Judá (913-911) — No décimo oitavo ano do rei Jeroboão, filho de Nabat, Abiam tornou-se rei de Judá e reinou três anos em Jerusalém; sua mãe chamava-se Maaca, filha de Absalão. Imitou os pecados que seu pai cometera antes dele e seu coração não foi plenamente fiel a lahweh seu Deus como o coração de Davi, seu ancestral. Contudo, por consideração para com Davi, lahweh seu Deus o conservou uma lâmpada em Jerusalém, mantendo seu filho depois dele e poupando Jerusalém (BÍBLIA, 1Reis, 15: 1-4).

A narrativa em questão descreve que as práticas de Maaca foram herdadas de seus antepassados, mostrando que seu pai já não era um devoto do deus dos hebreus. A continuidade desse excerto também nos mostra instabilidades políticas geradas pela presença desses cultos estrangeiros praticados pelas mulheres do reino, pois o neto de

Maaca, Asa, que se tornou rei, teria tirado dela o título de dignidade de Grande Dama, por ela ter construído um ídolo para Aserá:

Reinado de Asa em Judá (911-870) — No vigésimo ano de Jeroboão, rei de Israel, Asa tornou-se rei de Judá e reinou quarenta e um anos em Jerusalém; sua avó chamava-se Maaca, filha de Absalão. Asa fez o que é reto aos olhos de lahweh, como Davi seu pai. Expulsou da terra todos os prostitutos sagrados e aboliu todos os ídolos que seus pais haviam feito. Chegou a retirar de sua avó a dignidade de Grande Dama, porque ela fizera um ídolo para Aserá; Asa quebrou o ídolo e queimou-o no vale do Cedron. Os lugares altos não desapareceram; mas o coração de Asa foi plenamente fiel a lahweh, por toda a sua vida (BÍBLIA, 1Reis, 15: 9-14).

Esse trecho também aponta que os cultos às divindades estrangeiras não estavam somente relacionados com as imposições das dinastias e com a vontade dos reis, pois mesmo que Asa tenha tomado atitudes de combater o culto para Aserá, os lugares altos não desapareceram. O Antigo Testamento descreve uma sucessão de reis que sendo ou não fiéis à Yahweh não conseguem apagar completamente a presença das deusas e deuses cananeus do meio do povo, mostrando que se tratavam de práticas de culto popular que não podiam ser controladas ou eliminadas pela simples imposição de outra religião oficial.

Sendo assim, percebemos a intensa presença desses ritos destinados às deusas estrangeiras entre os israelitas, esse fator cria mais argumentos na repetição de narrativas de proibições desses cultos presentes no Antigo Testamento, visto que, conforme já afirmei, se as regras para proibir essas práticas entre os hebreus eram tão enfáticas, isso indica que esses comportamentos eram de fato recorrentes. Para além dos trechos apresentados até aqui, nominando as mulheres que são culpabilizadas por praticar cultos proibidos – mesmo não se tendo outras evidências arqueológicas e históricas de sua existência – temos ainda textos que denunciam cultos de mulheres anônimas e até mesmo coletivos de mulheres e também homens, que por vezes aparecem novamente como maridos:

Eis que faço uma aliança; frente a todo o Teu povo farei uma distinção entre vós e os demais povos, que não foi feita em toda a terra nem em todas as nações; e verá todo o povo no meio do qual estás, a obra do Eterno, porque é coisa temerosa o que Eu farei contigo. Guarda para ti (Israel) o que Eu te ordeno hoje: Eis que desterro⁹³ diante de ti ao Emoreu e ao Cananeu, ao Hiteu e ao Periseu, ao Hiveu e ao Jebuseu. Guarda-te de fazer aliança com o morador da terra onde tu vais, para que não seja ardil no meio de ti. Porém seus altares derrubareis, suas colunas idolatradas quebrareis e suas árvores sagradas cortareis. Pois não te curvarás a outro deus, porque o Eterno é zeloso de seu nome; Deus zeloso é Ele. Para que não faças aliança com o morador da terra e suceda que, quando errarem para com os seus deuses e sacrificarem aos seus deuses, ele te chame e tu comerás do seu sacrifício. E tomarás de suas filhas para teus filhos, e errarão suas filhas para com seus deuses, e farão errar a teus filhos para com seus deuses. Deuses fundidos não faça para ti (TORÁ: A LEI DE MOISÉS, 2001, p. 267, BÍBLIA, Exôdo, 34: 10-17).

Eis que a Bíblia de Jerusalém (2002), nessa mesma passagem, traz notas de rodapé pontuando algumas questões importantes, a primeira delas é a respeito das colunas idolatradas, ou colunas e postes sagrados, informando que seria o poste sagrado da deusa Ašerá. Já no que tange à proibição em se fazer alianças com o morador da terra (no caso os cananeus), a Bíblia de Jerusalém (2002) coloca que “não se suceda que, em se prostituindo com os deuses deles e lhes sacrificando (...) (p. 152), dizendo que o culto à Yahweh, seria assim, o “casamento legal” enquanto o culto aos “falsos” deuses é comparado a uma prostituição, no sentido de traição e infidelidade, da mesma forma em que aparece alegoricamente em outras narrativas do livro de Oséias.

Além disso, o excerto apresenta novamente a ideia do povo de Israel como um povo “separado” dos outros povos, distinto dos outros por serem os escolhidos de Yahweh. A narrativa proíbe veemente que se façam alianças com esses outros povos e que se adotem suas práticas de culto, e no que tange as alianças a ênfase é dada para a questão do casamento, ao afirmar que as filhas desses povos adorariam os deuses estrangeiros e motivariam os “filhos de Israel” a fazer o mesmo, conforme pudemos ver nas fontes anteriores, mais especificamente de Jezabel e Acab.

⁹³ Na Bíblia de Jerusalém (2002) “expulsarei diante de ti”.

Expressamente nas fontes a principal preocupação sobre o contato dos hebreus com outros povos é referente a adoção de suas práticas de culto e na grande maioria delas as mulheres são colocadas como responsáveis pela execução desses ritos estrangeiros:

Mas tu, não intercedas por este povo e não eleves em seu favor nem lamentos nem preces, e não insistas junto a mim porque não vou te ouvir. Não vês tu o que eles fazem nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? Os filhos ajuntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para fazerem tortas à rainha dos céus; depois fazem libações a deuses estrangeiros para me ofenderem. Mas será a mim que eles ofendem?, oráculo de lahweh. Não será a eles mesmos, para a sua própria vergonha? Por isso, assim disse o Senhor lahweh: Eis que minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre os homens, sobre os animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da leira. Ela arderá e não se extinguirá (BÍBLIA, Jeremias, 7: 16-20).

Nesse trecho, a deusa mencionada possivelmente não se trata da Ašerá dos cananeus que vinha aparecendo nas fontes até aqui, mas sim Ištar, cultuada na mesopotâmia e chamada assim por Assírios e Babilônicos. Essa deusa evoca em vários dos hinos e preces escritas a ela esse estatuto de Rainha dos Céus que poderia ser também traduzido por Senhora do Céu ou Soberana do Céu (DUPLA, 2016, p. 83), o que para Sue'Hellen Monteiro de Matos (2014) pode indicar, de modo claro, que a deusa Ištar é que aparece como *Meleket hashamayim* ou “rainha dos céus” nesse recorte do livro de Jeremias, capítulo 7: 16-20. Destaco ainda, que em um trecho posterior, em Jeremias 44, que será apresentado a seguir, consta uma nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém (2002) mencionando que a Rainha do Céu seria Ištar e que os bolos feitos seriam em sua honra, representando a deusa nua.

Um ponto importante a destacar é que tanto Ašerá quanto Ištar são deusas com atributos ligados à sexualidade e a fertilidade, não somente humana, mas também dos campos e colheitas. Na narrativa do livro de Jeremias, percebemos que os hebreus são duramente castigados por manterem a realização de festividades ligadas à rainha dos céus e aos deuses considerados estrangeiros; Yahweh novamente manifesta-se por meio de elementos da natureza, mais especificamente trazendo a devastação dos

animais e dos campos frutíferos, ou seja, promove a destruição justamente daqueles elementos que são regidos pelas deusas em questão.

Da mesma forma que o castigo de Yahweh consiste em devastar aquilo que é fértil e trazer ruína e desolação, podemos perceber que as práticas de culto entre os hebreus à essa divindade supracitada se perpetuam justamente pelo medo da fome e da infertilidade das plantações, por isso, em outra narrativa do Antigo Testamento, os hebreus desafiam Jeremias e afirmam que continuariam realizando as festividades e libações à rainha do Céu:

Todos os homens que sabiam que suas mulheres incensavam deuses estrangeiros e todas as mulheres presentes — uma grande assembleia — (e todo povo que habitava na terra do Egito e em Patros) responderam a Jeremias, dizendo: "A palavra que nos falaste em nome de Iahweh, nós não a queremos escutar. Porque continuaremos a fazer tudo o que prometemos: oferecer incenso à rainha do Céu e fazer-lhe libações, como fazíamos, nós e nossos pais, nossos reis e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém; tínhamos, então, fartura de pão, éramos felizes e não víamos a desgraça. Mas desde que cessamos de oferecer incenso à rainha do Céu e de fazer-lhe libações, tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome. Por outro lado, quando oferecemos incenso à rainha do Céu e quando lhe fazemos libações é, por acaso, sem que saibam nossos maridos que lhe fazemos bolos que a representam e lhe fazemos libações?" (BÍBLIA, Jeremias, 44: 15-19).

Nesse trecho, percebemos que quando os hebreus cessaram as oferendas e festividades para a rainha do Céu foram acometidos pela fome, em contrapartida, quando as oferendas eram realizadas eles tinham fartura de pão e eram felizes e por isso se negam a escutar o que Yahweh teria para lhes dizer. Essa narrativa se assemelha ao mito onde a deusa Ištar desce até o mundo dos mortos, visto que quando a deusa da fertilidade se ausenta a terra também fica assolada pela infertilidade⁹⁴ (BRANDÃO, 2009).

Outro aspecto interessante é que a narrativa demarca que os cultos realizados para a rainha dos céus não são uma prática exclusiva das mulheres, as quais denunciam

⁹⁴ O mito está traduzido para o português e publicado no livro "Ao Kurnugu, Terra sem Retorno: Descida de Ishtar ao Mundo dos Mortos" por Jacyntho Lins Brandão.

que seus maridos sabiam das libações que eram feitas, enfrentando o profeta Jeremias ao serem interpeladas. Ainda assim, as mulheres aparecem como principais perpetuadoras dos cultos à Rainha do Céu, alegando-se que essa prática já era executada por seus pais e por elas próprias e graças a esses cultos é que tinham fartura de pão e felicidade. É interessante perceber nessa narrativa que, justamente as mulheres – culpadas pela realização do culto às deusas estrangeiras que despertou a ira de Yahweh e a ruína entre o povo – tomam a palavra e enfrentam o profeta Jeremias. Novamente identifica-se esse elemento das mulheres como subversivas às leis de Yahweh. Cabe aqui atentar-se a questão de que havia essa resistência por parte delas em abandonar o culto a suas deusas da fertilidade – e que garantiam a fertilidade de alimentos e pão - e adotar o culto à Yahweh como deus único, sendo que isso estaria sendo feito com a ciência de seus maridos.

Formas de interpelação e controle exercidas sobre mulheres são corriqueiras em sociedades patriarcais – e mesmo na sociedade contemporânea em que vivemos -, e nas narrativas bíblicas percebemos que, para além das práticas de culto, esse controle também perpassa pelo corpo e pela sexualidade das mulheres. Por exemplo, considerando que, no caso dos hebreus, além de patriarcais eram também patrilineares, pois a linhagem da família era atribuída ao homem e o filho primogênito tinha o direito de herdar o lugar de patriarca da tribo, logo a garantia de descendentes era de extrema importância nesse contexto e cabia às mulheres a obrigação de procriar garantindo a posteridade do nome de seus maridos, o que levava também a uma cobrança extrema de fidelidade dessas mulheres, garantindo assim a legitimidade dos filhos nascidos.

Esses aspectos podem ser percebidos em regras como na Lei do Levirato⁹⁵, que visa garantir descendência mesmo no caso de morte de um homem que não chegou a

⁹⁵ Quando alguns irmãos (de pai) morarem juntos, e morrer um deles e não tiver filhos, a mulher do defunto não se casará com homem estranho de fora; o irmão de seu marido estará com ela e a tomará por mulher, e exercerá a obrigação de cunhado [labám] para com ela. E será (de preferência) o mais velho (dos irmãos que a tomará por mulher, se esta estiver em condições de ter prole); e passará a ser sua a herança do seu falecido irmão e não se apagará o nome deste em Israel.

gerar filhos, sendo que a viúva deveria ter filhos com seu cunhado, os quais pertenceriam à linhagem do irmão falecido. Os comentários da Torá: A lei de Moisés (2001), afirmam que:

O irmão que se casar com a mulher do falecido, toma posse da herança deste, e não é obrigado a dar ao menino que nascer do casamento o nome do falecido irmão, pois a razão principal deste mandamento era que a herança do falecido não saísse da família deste (p. 576).

Nesse sentido, é possível perceber que era dada uma grande importância à manutenção dos bens econômicos no núcleo da família, passando esses bens enquanto herança para uma linhagem de filhos legítimos do patriarca, fator esse que gera a necessidade de se controlar a sexualidade das mulheres, visto que, a monogamia por parte da mulher, seria a única forma de garantir a paternidade dos filhos nascidos. Nesse sistema, o adultério por parte das mulheres era severamente punido, como podemos perceber no trecho de Gênesis, 38, no qual a desconfiança de que uma mulher chamada Tamar teria engravidado por adultério, faz com que o patriarca Judá ordene que ela seja queimada, porém ele suspende imediatamente a condenação ao se dar conta de que os filhos gêmeos que ela esperava eram seus próprios filhos e seriam a garantia de sua linhagem, a perpetuação de seu nome em Israel.

Considerando as fontes articuladas até aqui, penso que podemos identificar em suas narrativas a construção de um monoteísmo patriarcal e destaco que, para Ana Luísa Cordeiro (2007), a tarefa de desconstruir essa perspectiva monoteísta patriarcal nos textos até conseguir encontrar cultos às deusas entre os hebreus, e mesmo momentos em que a deusa era uma imagem divina dominante ou ainda equivalente à Yahweh, também se trata de uma perspectiva feminista e de gênero, que está interconectada com a tarefa de escrever uma história a contrapelo:

Sistemas que projetaram historicamente um Deus masculino, legitimando práticas e funções masculinas, com isso silenciando as mulheres, suas representações sagradas e tudo aquilo que pudesse lhes garantir espaço e voz. (CORDEIRO, 2007, p.2).

Esta é uma reflexão necessária, pois no contexto do antigo Israel estamos diante de “textos sagrados marcados pelo sistema patriarcal, onde há o domínio do pai e quiarcal, onde há o domínio do senhor” (GOSSMANN, 1997 *apud* CORDEIRO, 2007, p. 2), mas nos quais podemos encontrar diversas narrativas que nos trazem mulheres subversivas e que não se submetem às leis do patriarcado e do monoteísmo!

Considerações Finais

Busquei afirmar, no decorrer deste artigo, que os escritos bíblicos não são apenas fontes que nos trazem registros de um monoteísmo em torno de Yahweh, visto que apresentam também as práticas de resistência diante da construção desse monoteísmo e a perpetuação das crenças, ritos e festividades dedicados a deuses e deusas que já eram cultuados na região do Antigo Crescente Fértil em períodos anteriores.

Essas práticas de culto para divindades consideradas estrangeiras aos hebreus nos mostram a figura das mulheres nessas fontes como sendo subversivas, capazes de expressar suas vontades, suas crenças, de enfrentar patriarcas e, inclusive, influenciá-los, mostrando que não eram submissas ao monoteísmo patriarcal e nem mesmo ausentes dos textos bíblicos.

Considero importante salientar também, que essas narrativas não estão presas num passado distante ou em fontes esquecidas e enterradas. As narrativas bíblicas ainda são utilizadas como instrumento de poder para a manutenção do patriarcado na sociedade que vivemos, assim como a crença no deus Yahweh e as regras do monoteísmo instituído em torno dele também estão presentes de forma dominante, inclusive, em espaços como a política e a educação, os quais deveriam ser laicos. Nesse caso, mostrar as contradições, entre linhas e processos de resistência nessas narrativas também é a articulação de uma ferramenta de resistência e enfrentamento para as

mulheres de hoje, sua liberdade de expressão, de crença e até mesmo para uma possibilidade de identificação com o feminino no contexto sagrado.

Referências

Documentação

BÍBLIA. Trad. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

TORÁ. Português. *A lei de Moisés*. Tradução, explicações e comentários do rabino: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

Bibliografia

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Ao Kurnugu, Terra sem Retorno*: Descida de Ishtar ao Mundo dos Mortos. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.

CAZELLES, Henri. *História política de Israel*. São Paulo: Paulus, 1986.

CHOURAQUI, André. *Os homens da bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORDEIRO, Ana Luiza Alves. ASHERAH: A Deusa Proibida. *Revista Aulas*, n. 4, 2007, p. 1-22.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. *Sobre a divindade aserá no antigo Israel*. 2009. 110fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2009.

DUPLA, Simone Aparecida. *Construções do imaginário religioso no culto a Inanna na antiga mesopotâmia: Símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 a.C)*. 2016. 179p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o Sabá*. (1989). Tradução Nilson Moulin Lousada. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

LOWY, Michael. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. A influência das deusas Asherah e Ishtar na construção da imagem materna de Javé em Dêutero-Isaías. *Revista Ancora*, v. 9, Ano 9, 2014, p. 1-20.

MIGNOLO, Walter. "Un paradigma otro': colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico". In MIGNOLO, Walter. *Historias locales/diseños globales: colonialidad,*

conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Tradução de Juan María Madariaga y Cristina Vega Solís. Ediciones Akal, 2003.

MONTALVÃO, Sérgio Aguiar. *A homossexualidade na bíblia hebraica: um estudo sobre a prostituição sagrada no Antigo Oriente Médio*. 2009. 177 p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã: uma hermenêutica feminista. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 20, n. 3, p. 177-191, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1557>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, 2009, p. 163-209.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá. 2011.

SANFELICE, Pérola de Paula. Sexualidade, amor e erotismo na Roma Antiga: as representações de Vênus nas paredes de Pompeia. *OPSIS*, v. 10, n. 2, p. 167-190, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/Opis/article/view/10921>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SOUZA, Mériti de. Discurso fundador, história e subjetividades. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, 2002, p. 57-64.

TISCHLER, Matthias. Academic Challenges in a Changing World. *Journal of transcultural Medieval Studies*, v.1, 2014, p. 1-8.

WELSCH, Wolfgang. Mudança estrutural nas ciências humanas: diagnóstico e sugestões. *Educação*, Porto Alegre, ano XXX, n. 2 (62), 2007, p.237-258.